

## ELEMENTOS DA CULTURA CELTA EM A DEMANDA DO SANTO GRAAL

**Paola GENTILE<sup>1</sup>**

Licencianda em Letras/IFSP  
Graduada em Comunicação Social – Jornalismo/USP  
Especialista em Formação de Escritores/Isevec

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apontar a presença de elementos da cultura celta na novela de cavalaria *A demanda do Santo Graal*. Esse gênero, bastante popular na Idade Média, sofreu modificações quando o cristianismo chegou às ilhas britânicas, por volta do século IV. A dominação romana fez com que os povos que pertenciam àquela cultura e ocupavam boa parte do território europeu fossem confinados nas ilhas britânicas; suas crenças e seus costumes foram reprimidos e substituídos pelos valores e pela moral do cristianismo. As novelas de cavalaria exaltavam esses valores porém mantiveram alguns elementos que remetem ao misticismo e ao antropocentrismo que eram característicos da cultura celta. Com base nos estudos de Eliade e outros pesquisadores, este artigo pretende apontar alguns desses elementos.

**Palavras-chave:** Novela de Cavalaria; Cultura Celta; Idade Média; Símbolos Celtas; Misticismo.

### Introdução

As novelas ou romances de cavalaria compõem um gênero literário que surgiu na Idade Média, nos períodos chamados de trovadorismo e humanismo da literatura ocidental. Criadas provavelmente na França, narram aventuras dos cavaleiros medievais, heróis populares à época, que lutaram em nome de reis e da Igreja para expulsar os muçulmanos da Europa e expandir o cristianismo ao Oriente Médio.

Apesar de os protagonistas serem exemplos de bons cristãos e de toda a trama das novelas valorizar os preceitos morais e éticos do cristianismo, as narrativas trouxeram, segundo Magalhães, Testa e Teixeira (2006) o indício de que as culturas tradicionais que existiam na Europa antes da dominação cristã não haviam sido totalmente sufocadas.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: gentilepaola@gmail.com

Uma dessas culturas era a celta, que, assim como a grega clássica, a itálica clássica e a germânica, tinha como característica o antropocentrismo – o homem como centro das preocupações e o respeito ao individual – e o politeísmo. Com a dominação do Império Romano, esses povos foram confinados às ilhas britânicas e ao norte da França e sua cultura foi sendo abafada pelos preceitos da Igreja Cristã. De acordo com Mircea Eliade (1979), “a renúncia de todo o paganismo era indispensável ao triunfo da mensagem de Cristo” (p. 153).

Baccega levanta um novo elemento histórico desvendado pela investigação arqueológica, histórica e linguística realizada pelos antropólogos Scott Littleton e Linda Malcor, que recuaram ainda mais no tempo ao estudar as influências do povo alano na cultura celta. Em 406 a.C., essas populações teriam entrado no Império Romano do Ocidente e se aculturado com os povos celtas-romanos. Para Baccega (2007),

(...) a gesta do imaginário arturiano deve-se a uma hibridação cultural entre romanos, germânicos e celtas, mediada pela religião cristã e pela Igreja enquanto instituição, cuja matéria-prima adveio da cultura oral almana. Todavia, não se poderia cogitar um imaginário arturiano sem a dialogia entre escrita e oralidade que caracterizou aquilo que se convencionou nominar Idade Média. (p. 23)

Vindos dos alanos ou criados pelos celtas, elementos da cultura pré-cristã são detectados nas novelas de cavalaria, fazendo com que alguns personagens, atitudes e situações remetam aos antigos povos habitantes da Europa e sua cultura, como veremos a seguir. Como enfatiza Eliade (1979) no prefácio da edição portuguesa de seu livro *Imagens e Símbolos*, “o símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual, que pode camuflá-los, mutilá-los, degredá-los, mas que nunca se poderá extirpá-los” (p. 12).

## **1. A Idade Média na Europa e os valores cristãos**

A Idade Média é o período que compreende o final do século XII e meados do século XVI. Na literatura, abrange o trovadorismo e o humanismo. O teocentrismo é uma de suas mais fortes características. Segundo Abdalla Jr. e Paschoalin (1982), naquela época Deus era o ser absoluto que ditava as normas sociais e os comportamentos individuais; o homem existia apenas para seguir as determinações e os caminhos traçados por Ele. A economia ainda era baseada na agricultura, porém a navegação fluvial e de cabotagem se expandem, dinamizando as relações entre os reinos e criando pequenos centros comerciais em toda a Europa.

Surgem, assim, as feiras em pequenas vilas que, aos poucos, crescem e tornam-se um polo de cultura. A arte, antes restrita aos castelos e à nobreza, vai às praças com recitadores e

músicos, que cantam a poesia composta pelos trovadores dos reinos. Cantigas de amor e de amigo, assim como as satíricas e as de gesta, são os principais gêneros cultivados.

Magalhães, Testa e Teixeira (2006) afirmam que o amor carnal era um tema proibido nessas canções porque destruía os arranjos de interesses políticos e econômicos, consolidados por meio de casamentos; como fruto das vontades subjetivas e facilitador do prazer individual, deveria ser reprimido e condenado, de acordo com a moral cristã. O amor, quando presente nas canções, era entre pessoas que estavam distantes ou, quando próximos, os amantes eram idealizados e inalcançáveis.

A igreja não aprovava esse tipo de literatura, embora os primeiros registros tenham sido feito por clérigos. A Inquisição destruiu alguns exemplares e os que sobraram podem ter sofrido modificações significativas. Díaz-Toledo cita que as mudanças e a censura eram realizadas por meio de supressão de capítulos e incorporação de novos capítulos – geralmente os finais, para mudar o desenlace.

Os cavaleiros medievais, que tiveram importante papel nas Cruzadas, são os protagonistas das novelas. Eles ajudaram a aumentar os domínios da Igreja Católica expulsando os muçulmanos da Europa e conquistando a Terra Santa. Porém, com o fim dos combates, a função e o reconhecimento social e histórico dos cavaleiros diminuíram e eles passaram a ter uma vida muito mais dedicada à corte. Nesse sentido, parece ter ocorrido uma orquestração da igreja, em conjunto com a nobreza, para que a proeminência social política e econômica da cavalaria fosse reafirmada. As novelas de cavalaria, de certo modo, mediaram a relação entre literatura e história no fim da Idade Média, tentando resgatar alguns feitos heroicos dos cavaleiros, reforçando o comportamento cristão dos combatentes que tinham Deus como seu guia (MICELI, 1988, p. 41-45).

A novidade que trazem as novelas de cavalaria é a presença de elementos eróticos e sentimentais, que até então apareciam disfarçados nas canções de amigo e de amor. De acordo com Carpeaux (2008), surge aí o paganismo moderno, o erotismo presente nas obras profanas criadas no ocidente.

## **2. As novelas de cavalaria e *A Demanda do Santo Graal***

Com origem na França, as novelas de cavalaria surgem com a prosificação das canções de gesta, obras épicas em versos que cantavam os heróis e seus feitos de guerra. Massaud Moisés (1967) afirma que cada artista, ao interpretá-las, acrescentava um novo elemento ou aventura, o que ia aumentando a narrativa. Para que não fossem esquecidas, começaram a ser registradas em pergaminhos. Se o registro facilitava o resgate do enredo, por outro lado os

versos, quando escritos, eram de difícil leitura e interpretação e deixavam a narrativa longa. A prosificação surge para deixar o texto mais curto e facilitar a leitura. Esse é uma das causas da popularização das novelas de cavalaria. Moisés caracteriza o gênero como uma mescla de relato verídico e do fantástico e um desfile de aventuras que visavam o entretenimento.

Os títulos mais famosos desse gênero são os que têm o Rei Artur e os seus cavaleiros como personagens, compondo o que ficou conhecido como Matéria da Bretanha ou Ciclo Arturiano. *A Demanda do Santo Graal* é uma dessas narrativas. A história começa com a sacração de Galaaz como cavaleiro. Com isso, ele ocupa a cadeira 150 da Távola Redonda. A aparição do Santo Graal em uma reunião dos cavaleiros do reino de Artur é considerada uma convocação para a procura do cálice no qual José de Arimatéia teria colhido o sangue de Cristo durante a crucificação. No dia seguinte à aparição, todos os cavaleiros saem à procura do cálice. Embora a procura seja coletiva, a busca é individual.

### **3. Elementos celtas em *A demanda do Santo Graal***

A presença da cultura celta na novela analisada pode ser detectada em algumas personagens, como Merlin e Morgana; no nome de Arthur, Lancelot e Uter Pendragon; na atitude de figuras femininas; no cenário de algumas passagens, como a floresta e o lago, remetendo à natureza tão cultuada por aqueles povos; e em alguns objetos que se tornaram símbolos.

#### **3.1 O Graal**

O primeiro elemento a ser destacado é o próprio Graal, o cálice sagrado. Há várias versões sobre o motivo de esse objeto ter adquirido tal valor para o cristianismo. Uma delas diz que o objeto foi usado por José de Arimatéia para recolher o sangue de Cristo durante a crucificação. Outra, segundo Magalhães e outros (2006, p. 55), que teria sido o cálice usado por Cristo na última ceia.

O objeto sagrado teria desaparecido e a sua procura tornou-se o próprio mote da novela. Uma das imagens desse objeto remete a uma taça de prata com figuras em relevo, tal qual o Gringastip, cálice de prata usado pelos celtas em rituais para recolher a água da chuva que traria proteção à família (Magalhães, Testa e Teixeira, 2006). Lembrando que o termo família, naquela cultura, era usado para definir um grupo de pessoas unidas não somente pela descendência consanguínea, mas pela afinidade.

### 3.2 A espada Excalibur

Símbolo de poder e bravura, a espada do Rei Artur também apresenta duplo aspecto, como afirmam Chevalier e Gheerbrant (2019): é destruidora e construtora. Também foi símbolo da Guerra Santa e do Bom Combate – o embate interior que travam os cavaleiros entre a tentação e os prazeres e a vontade de servir a Deus. Excalibur, a espada mágica da novela, foi encontrada fincada numa pedra e jogada no lago a pedido de Artur, antes de morrer.

A tradição celta está presente nessas situações:

Em seus cultos às divindades e aos ancestrais, [os alanos e, posteriormente, os celtas] reuniam-se ao redor de fogueiras e, em copas sagradas, que continham o sangue sagrado dos ancestrais, sorviam o sangue de seus sacerdotes e anciãos. Em suas práticas litúrgicas, **as espadas sagradas** e copas eram reputadas artefatos de deuses, e as primeiras **eram fincadas ao solo ou em árvores, ou precipitadas em lagos (como ocorre com Excalibur)** haurindo seu potencial divino, justamente, das potências naturais. (BACCEGA, 2007, p. 17, grifo nosso)

### 3.3 As personagens místicas

As personagens de *A demanda do Santo Graal* que têm origem na mitologia celta são aqueles que apresentam traços de comportamento sobre-humanos, como o mago e a fada:

#### *Merlin*

Condutor de Gallaz até o castelo de Artur, Merlin é um druida, classe que detinha o conhecimento e a magia na sociedade celta e ainda atuava como juiz, conselheiro e responsável pelos ritos religiosos. Como conta Heitor Megale na introdução d'*A demanda do Santo Graal* (p. 9), Merlin é “filho de um diabo e de uma donzela. A bondade de sua mãe prevalece em Merlim, que herda de seu diabólico pai apenas a magia da visão do futuro. Promove a sedução de Igraine por Uter Pandragão. Desta união nasce Artur, de quem Merlim se torna fiel conselheiro”. Como se sabe, pessoas que praticassem “magia” e usassem conhecimentos não baseados nos valores cristãos eram perseguidas pela Inquisição e condenadas à morte em fogueira durante a Idade Média. Na novela, Merlin é personagem de destaque e respeitado por todos.

#### *Morgana*

Irmã de Artur, originalmente é uma fada, que também detém poderes sobrenaturais. Nas traduções que chegaram até nós, Morgana é transformada em bruxa, relacionando a figura feminina ao mal, como pregava a Igreja. Em comunicação direta com a natureza, ela tem o dom de cura (salva Galvão e seus irmãos e cuida de Artur quando ele é ferido, levando-o à ilha de Avalon). Ainda que apresentada como “feia e espantosa” (MEGALE, 126), é respeitada pelas demais personagens e se apresenta como fada (MEGALE, 161), mostrando seu poder de cura.

### 3.4 Nome das personagens

A influência da cultura celta também aparece quando se analisa a origem do nome das personagens. Sempre de acordo com Baccega (2007):

#### *Artur*

Littleton e Malcor levantam a hipótese de que a referência histórica da personagem do Rei Artur seria um militar que liderou tropas celtas contra os anglo-saxões, que invadiram a Britânia entre os séculos V e VI.

(...) um manuscrito do século XIII, atribuído a Nennius, apresenta uma etimologia para Artur: significaria *ursus horribilis*, que deriva do celta *artos*, “urso”, indicando uma vinculação ao deus galês, Artio. Outras possibilidades de etimologia céltica são coligidas por Littleton e Malcor, como “pedra” em irlandês (*art*), “martelo” em galês (*arth*), que também pode referir-se a “urso”). De toda forma, identifica-se a raiz indo-europeia *ar*, que se reporta a “arado”, o que indicaria uma associação entre Artur e o deus agrícola celta *Artaios*, identificado a Mercúrio pelos romanos (LITTLETON 2000:72, *apud* BACCEGA, 2007, p. 25)

#### *Lancelot*

A origem do nome estaria na expressão *lance à Lot*, alusão do deus guerreiro celta Lug, hábil no manuseio de lanças.

#### *Uter Pendragon*

Pai de Artur, o significado do nome, em galês, seria “glorioso comandante das tropas.

### 3.5 A natureza como cenário

Braem (2015) lembra que as novelas de cavalaria têm como cenário a natureza, que interfere nos destinos das personagens por ser o elo entre dois mundos: o físico e o metafísico.

Na cultura celta, os espaços naturais como florestas, lagos, ilhas etc. eram sagrados. A natureza era o “livro” do qual os sábios extraíam conhecimentos e no qual liam o mundo e o futuro, e a fonte da qual as fadas extraíam matéria-prima para as poções terapêuticas. Lembrando algumas passagens d’*A demanda do Santo Graal*, podemos destacar:

#### *A floresta*

Logo no início da novela, Lancelot é atraído para a floresta de Camalote, onde Gallaz é ordenado como o 150º cavaleiro da Távola Redonda. É também nesse cenário que os cavaleiros se separam para fazer sua busca individual pelo Graal (a busca de si mesmos) e por onde caminham durante toda a narrativa. Segundo o *Dicionário de Símbolos* (2019), “em diversas regiões, principalmente entre os celtas, a floresta constituía um verdadeiro santuário em estado natural” e “constitui, verdadeiramente, a cabeleira da montanha, proporciona-lhe também o poder, pois permite-lhe provocar a chuva, ou seja, os benefícios do Céu”.

O verbete do Dicionário ainda destaca que

Há uma estrita equivalência semântica, na época antiga, entre a floresta céltica e o santuário – **nemeton**. Na qualidade de símbolo da vida, a árvore pode ser considerada como um vínculo, um intermediário entre a terra, onde ela mergulha suas raízes, e a abóbada do céu, que ela alcança ou toca com sua copa.” (CHEVALIER e GUEERBRANDT, p.439)

Braem (2015) destaca que a natureza, “como deusa pagã dos celtas, é divinizada nas novelas mais cristianizadas”. Como exemplo, cita as passagens em que a floresta apresenta perigos e armadilhas.

#### *As ilhas*

Ele, assim que a viu, recebeu-a muito bem e abraçou-a, porque aquela era uma das donzelas que moravam na **ilha** da Lediça a quem a filha Amida do rei Peles amava mais que a donzela da sua companhia. (MEGALE, p. 19)

A donzela que leva Lancelot à floresta para ordenar Gallaz vem da ilha de Lediça e é para a ilha de Avalon (ilha afortunada ou ilha das maçãs) que Morgana leva o irmão, o Rei Artur, para ser tratado depois de ferido em combate. Chevalier e Gheerbrant (2019) descrevem que “os celtas sempre representaram o outro mundo e o além maravilhoso dos navegadores irlandeses sob a forma de ilhas, localizadas a oeste (ou ao norte) do mundo”. Para esses povos, também foi na ilha da Grã-Bretanha que os druidas estudaram as ciências sagradas.

## A água

– Senhor, eu vos trago as mais maravilhosas novas de que ouvistes falar.

– E que novas são? disse o rei, dizei-no-las.

– Neste vosso paço, aportou agora uma pedra de mármore, na qual está metida uma espada, e sobre esta pedra, no ar, está uma bainha. E eu vos digo que vi a pedra nadar sobre a **água**, como se fosse madeira.

E o rei, que o teve por chufa, disse-lhe se podia ver esta pedra.

Então disse o escudeiro:

– Já estão lá muitos cavaleiros da vossa companhia para ver aquela maravilha. (MEGALE, p. 23, grifo nosso)

Quando viu que tinha que fazer, voltou ao **lago** e pegou a espada e disse:

– Ai, espada boa e rica, como é grande dano que algum homem bom não te tome na mão!

Então a lançou o mais que pôde; e quando chegou perto da **água** viu uma mão sair do **lago** que aparecia até o cotovelo, mas do corpo não viu nada. A mão recebeu a espada pelo punho e brandiu-a três vezes ou quatro; depois que a brandiu, meteu-se com ela na **água**. Ele esperou muito tempo se se lhe mostraria mais. (MEGALE, p. 376, grifo nosso)

A água é um elemento bastante presente na narrativa. Destacamos os trechos acima – no primeiro, em que a espada Excalibur aparece fincada em uma pedra que boia na água, e no segundo, no lago em que Excalibur é arremessada ao lago por Gilfrete, a pedido do Rei Artur, que está ferido.

Para os celtas, a água é um “símbolo de pureza passiva. Ela é um meio e um lugar de revelação para os poetas que lhe põem sortilégios a fim de obter profecias. Segundo Estrabão, os druidas afirmavam que, no fim do mundo, reinariam apenas a água e o fogo, (elementos primordiais) (LERD, 74-76)”, relatam Chevalier e Gheerbrant (2019, p. 21).

### 3.6 A figura feminina

Ao contrário das personagens femininas que apareciam nas canções produzidas na Idade Média – que viviam suas paixões inalcançáveis sozinhas, sem concretizá-las –, as mulheres d’*A demanda do Santo Graal* são sedutoras e têm comportamento independente, como Guinevère e Morgana, “que atormentam Lancelot até em sonhos” (BRAEM, p. 27), e a filha do rei Brutus, que, apaixonada por Gallaz, vai a seu quarto durante a noite e deita-se ao seu lado.



Depois que ambos os cavaleiros deitaram numa câmara, a donzela, que bem cuidava que já dormiam e que sabia o leito de Galaaz, saiu de seu leito em trajes de dormir, embora muito vergonhosa e com grande pesar de que havia de fazer contra sua vontade o que lhe amor mandava, porque, por sua má sorte, tinha a donzela de rogar o cavaleiro. E depois que ela veio à câmara onde eles deitavam, entrou e ficou tão espantada, que não soube o que fazer. Mas tornou em seu primeiro pensar que o amor lhe aconselhava e esforçou-se tanto, contra sua vontade, que foi a Galaaz e ergueu o cobertor e deitou-se ao lado dele. E Galaaz que dormia muito pesadamente, pelo trabalho que tivera, não despertou.

Quando a donzela viu que dormia, não soube o que fizesse, porque, se o despertasse, tê-lo-ia por loucura e que assim costumava fazer aos outros que aí vinham, e haveria nisso maior espanto e maior sanha, quando visse que assim se denodava, sem rogo. (MEGALE, p. 76)

Contudo, como dita a moral cristã, o erotismo é condenado: como já relatado, Morgana é descrita como “muito feia e muito espantosa” e a filha de Brutos é tida como louca, tomada pelo Diabo, que a faz cair em tentação.

### **Considerações finais**

Com esses poucos elementos analisados – outros, que não foram aqui contemplados, podem existir –, pode-se perceber que a cultura pré-cristã, mesmo com a tentativa da Igreja de aniquilar os símbolos e imagens cultuadas pelos povos tradicionais, resistiu e emergiu nas narrativas cavaleirescas, seja como resistência ou como tentativa de tornar o texto mais apreciado pelo gosto popular.

De qualquer maneira, a mescla da fé cristã que move as personagens e determinam seus atos com o misticismo da cultura celta, que interfere no rumo da história, dão, segundo Magalhães, Testa e Teixeira, com a qual concordamos, uma aura de mistério à trama,

(...) cujas estórias começam sempre com a ocorrência de algum fato mágico, a partir do qual os cavaleiros resolvem colocar-se à prova, buscando, cada um, o seu próprio caminho, na tentativa de desvendar um mistério divino. No caso da novela *A demanda do Santo Graal*, o Graal é o próprio mistério, o objeto de desejo de todos e também a metáfora da busca individual, do autoconhecimento. (MAGALHÃES *et al.*, 2006)

## Referências

ABDALA JR, B. E PASCHOALIN, M. A. **História social da literatura portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1982.

BACCEGA, M. **Entre Celtas e Germânicos: a odisseia de Artur no imaginário medieval**. *Brathair* 7 (2), 2007: 3-27. ISSN 1519-9053.

BRAEM, E. P. C. A. Representações cristãs e pagãs em novelas de cavalaria do ciclo bretão ou arturiano. **Caderno do IL**. Porto Alegre, n. 51, dezembro de 2015, p. 19-36.

CARPEAUX, O.M. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Edições do Senado, 2008.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 32<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Tradução: Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979.

MAGALHÃES, H.G.D. ; TESTA, E.C.; TEIXEIRA, I.C. dos S. O imaginário cristão nas novelas de cavalaria e nas cantigas de amor. **Revista Mirabilia** 6, jun-dez 2006. ISSN 1676-5818. p. 50-62. Disponível em [https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2006\\_04.pdf](https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2006_04.pdf)

MEGALE, H. (org.). **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: Companhia das Letras [Companhia de Bolso], 2008.

MICELI, P. O feudalismo: discutindo a história. 5. ed. São Paulo/Campinas: Atual, Unicamp, 1988.

MOISÉS, M. **A criação literária – Prosa 1**. São Paulo: Cultrix, 1967.

### ***THE PRESENCE OF ELEMENTS OF CELTIC MYSTICISM IN THE QUEST OF THE HOLY GRAIL***

#### ***Abstract***

*The purpose of this paper is to identify the presence of elements of the Celtic culture in the chivalric novel *The Quest of the Holy Grail*. This genre, which was very popular in the Middle Ages, underwent changes when Christianity arrived in the British Islands, around the 4<sup>th</sup> century. As a result of Roman domination, the Celts, who used to occupy a large part of European territory, were confined to the British Isles; their beliefs and customs were suppressed and replaced with the values and morals of Christianity. While Chivalric novels praised these values, they also maintained some elements of mysticism and anthropocentrism that were typical of Celtic culture. Based on the studies of Eliade and other researchers, this article is aimed at describing some of these elements.*

**Keywords:** *Chivalric Novel; Celtic Culture; Middle Ages; Celtic Symbols; Mysticism.*

**Envio: março/2020  
Aceito para publicação: junho/2021**